

A PRESENÇA DA FRANÇA NA FORMAÇÃO CULTURAL E MILITAR DO BRASIL

*Lucas Eugênio de Oliveira*¹

*Túlio Felipe Queiroz dos Santos*²

Resumo: o objetivo deste artigo é traçar uma linha do tempo das relações entre o Brasil e a França desde o final do século XVII até o ano de 2024, destacando a formação cultural e, sobretudo, militar do nosso país. Também se busca tratar da relevância de se conhecer a língua francesa desde aquela época até os dias atuais. Para isso, o texto percorre os últimos quatro séculos da história brasileira destacando momentos em que a França, direta ou indiretamente, contribuiu para com a formação do Brasil. Por fim, apresenta-se o lugar ocupado pelo francês no Centro de Idiomas do Exército (CIdEx).

Palavras-chave: França, Brasil, História, História Militar, CIdEx, Centro de Idiomas do Exército.

Résumé : cet article a l'intention de présenter une frise chronologique des relations entre le Brésil et la France depuis la fin du XVII^e siècle jusqu'à l'an 2024, en soulignant la formation culturelle et surtout militaire de notre pays. Il vise également à aborder l'importance de la connaissance de la langue française depuis cette époque jusqu'à aujourd'hui. Pour ce faire, le texte couvre les quatre derniers siècles de l'histoire brésilienne, en soulignant les moments où la France a contribué, directement ou indirectement, à la formation du Brésil. Enfin, la place occupée par le français dans le Centre des langues de l'Armée de terre (CIdEx, acronyme en portugais) est présentée.

Mots-clé : France, Brésil, Histoire, Histoire Militaire, CIdEx, Centre de langues de l'Armée de terre brésilienne.

Abstract: this article aims to present a timeline of the relations between Brazil and France from the late 17th century to 2024, highlighting the cultural and, above all, military formation of our country. It also seeks to address the relevance of knowing the French language from that time to the present day. For this purpose, the text goes through the last four centuries of Brazilian history highlighting moments when France, directly or indirectly, contributed to the cultural and military formation of Brazil. Finally, the place occupied by the French language in the Brazilian Army Language Centre (CIdEx – acronym used in Portuguese) is presented.

Key words: France, Brazil, History, Military History, CIdEx, Brazilian Army Language Centre.

¹ **Lucas Eugênio de Oliveira**, Primeiro-Tenente do Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro, é graduado em Letras (Licenciatura Português-Francês) pela Universidade Federal de Minas Gerais e Mestre em Estudos Linguísticos (Análise do Texto e do Discurso) pela mesma universidade. Foi professor do Centro de Extensão da Faculdade de Letras da UFMG e da Aliança Francesa de Belo Horizonte. Atualmente é Chefe das Seções de Ensino e Certificação em Francês do Centro de Idiomas do Exército (CIdEx). E-mail: lucaseugenio21@gmail.com.

² **Túlio Felipe Queiroz dos Santos**, Coordenador Pedagógico em Educação Bilingue atuante nos segmentos de Educação Infantil, Fundamental e Médio, é graduado em Letras (Licenciatura em Inglês) pela Universidade Federal de Minas Gerais e possui pós-graduação *latu sensu* em Ensino de Inglês – Abordagens Contemporâneas pela mesma universidade. Foi aluno da Aliança Francesa de Belo Horizonte por muitos anos e se interessa pela cultura e história da França. E-mail: tuliofelipebh@gmail.com.

A PRESENÇA DA FRANÇA NA FORMAÇÃO CULTURAL E MILITAR DO BRASIL

INTRODUÇÃO

Fomos nós [os franceses] que, no final do século XVIII, demos o impulso de onde saiu a emancipação de toda a América Latina. Foi a nossa Revolução que lançou as ideias, sacudiu as mentes e provocou as indignações necessárias e os entusiasmos decisivos; foi Napoleão quem quebrou as correntes e determinou a ruptura destes elos pesados e repugnantes de outrora entre as metrópoles e suas colônias (Chailley, 1917, p. 263)³.

Como não mencionar a influência, direta ou não, da França na formação da vida cultural e militar do Brasil nos últimos mais de trezentos anos? Da necessidade de se conhecer a língua francesa nas escolas militares antes e depois da chegada da Família Real portuguesa ao Rio de Janeiro; da admiração que Dom Pedro II nutria pela França à Proclamação da República; da Missão Militar Francesa junto ao Exército ao Ano do Brasil na França; como não fazer referência ao elo que une o nosso país ao de grandes vultos como Joana d’Arc, Luís XIV, Vauban, Napoleão Bonaparte e Charles de Gaulle?

Mesmo após a incontestada ascensão dos Estados Unidos no cenário mundial depois da Segunda Guerra, as relações entre a França e o Brasil estão longe de ser “irrelevantes”, haja vista o grande número de brasileiros que estudam francês, assim como o número de intercâmbios acadêmicos, culturais e militares entre os dois países, além do fato de as empresas francesas serem as maiores empregadoras estrangeiras em nosso país.

Este artigo pretende apresentar, cronologicamente, as relações franco-brasileiras ao longo dos últimos quatro séculos e tentar compreender de que forma a França contribuiu, direta ou indiretamente, para a formação da vida cultural e militar do Brasil, sobremaneira do Exército.

Para a produção deste artigo, recorreremos, primeiramente, à história das Grandes Navegações e à divisão das terras encontradas entre portugueses e espanhóis. Em seguida, passamos à ocupação portuguesa nas Américas e às tentativas da França de estabelecer duas colônias no território que hoje forma o Brasil. Recorreremos também, ainda em relação ao Brasil Colônia, à ênfase na defesa do território por meio da construção de fortificações, com destaque para as aulas de Artilharia e

³ Tradução livre para “C’est nous [les Français] qui, à la fin du XVIII^e siècle, avons donné le branle d’où est sortie l’émancipation de toute l’Amérique latine. C’est notre Révolution qui a lancé les idées, remué les cerveaux et provoqué les indignations nécessaires et les enthousiasmes décisifs ; c’est Napoléon qui a secoué les chaînes et déterminé la rupture, entre les métropoles et leurs colonies, de ces liens pesants et hideux de jadis” (Chailley, 1917, p. 263).

Fortificação na formação dos militares; e à Conjuração Mineira, movimento marcado pelo Iluminismo francês. Posteriormente, tratamos das empreitadas napoleônicas pela Europa e da fuga da Família Real portuguesa para o Brasil, o que abriu espaço para a vinda de muitos intelectuais franceses a nosso país. A evasão da Família Real portuguesa e de sua corte em 1808 foi o início do nosso processo de Independência. E o período que se seguiu, conhecido como Brasil Império, também teve estreitas relações culturais com a França.

Chegamos, por fim, ao Brasil República, com nítidas marcas do Positivismo francês, passando pela Missão Militar Francesa de Instrução junto ao Exército Brasileiro, pelas relações entre o Brasil e a França ao longo do século XX e pelo acordo de cooperação entre a Marinha da França e a do Brasil para a construção de submarinos com tecnologia daquele país em território brasileiro. Ainda no que diz respeito às Forças Armadas, apresentamos o Centro de Idiomas do Exército.

I. Pindorama e o Brasil Colônia: “achamento”, invasões e período pombalino

O primeiro contato dos franceses com o Brasil talvez não tenha sido dos melhores. Com as grandes navegações e grandes descobertas do final do século XV, Portugal e Espanha dividiram o Novo Mundo entre si. A Bula *Inter Cætera* (1493) e o Tratado de Tordesilhas (1494) concederam a esses dois países o direito de explorar as novas terras. Portugal ficava, assim, com a porção oriental das terras que se “achariam” em 1500, chamadas pelos povos originários de Pindorama, “terra das palmeiras”.

Nações como a Inglaterra, a França e a Holanda contestaram essa partilha de terras apenas entre os ibéricos. Rebelaram-se, nos anos que se seguiram, contra as ordens do Vaticano e começaram a invadir as novas terras com a intenção de também poderem explorar as Américas. A França, por exemplo, invadiu duas vezes o Brasil.

A primeira invasão (1555-1560), sob o comando do almirante Nicolas Durand de Villegagnon, chamou-se França Antártica⁴. Os franceses ocuparam a Baía de Guanabara com a intenção de explorar o território, sobretudo em busca de pau-brasil, e de dar aos protestantes franceses um lugar em que pudessem exercer sua religião. Vale destacar que a França atravessava um sangrento período do que hoje chamaríamos de “guerra civil” entre católicos e protestantes.

A segunda invasão, comandada por Daniel de la Touche, ficou conhecida como França Equinocial (1612-1615) e deu-se no norte do Brasil. Neste período, os franceses construíram o forte

⁴ Recomendamos tanto a leitura de “Rouge Brésil”, de Jean-Christophe Ruffin (Edição Gallimard, 2001) quanto o filme homônimo, de 2014, baseado no livro e dirigido por Sylvain Archambault.

de São Luís, o qual deu origem à cidade de São Luís, capital do Maranhão. Essa segunda empreitada também tinha a intenção de explorar, principalmente, o pau-brasil.

Em ambas as invasões e depois de muita luta armada, os franceses foram expulsos pelos portugueses. Após as duas derrotas, desistiram de estabelecer colônias no Brasil. O que não quer dizer que tenham desistido das riquezas do território brasileiro, haja vista o grande número de piratas e corsários que tentavam tomar por assalto os navios portugueses que singravam os mares rumo a Lisboa.

Durante o período conhecido como Brasil Colônia, o território brasileiro, devido não apenas à sua grande extensão, mas principalmente às suas riquezas, vivia sob constantes ameaças de invasão, por exemplo, as dos franceses. Dessa forma, fazia-se necessário elaborar um plano de defesa para suas fronteiras. Era preciso formar militares que conseguissem, por exemplo, construir fortificações que garantissem a defesa da colônia e que pudessem atacar os inimigos.

Dentro desse contexto, como a maior parte de tudo o que se publicava no mundo estava em francês, pode-se afirmar que o Brasil entrou em contato não só com a cultura, mas também com a língua francesa na medida em que essas publicações não contavam com tradução para o português. Era preciso conhecer o francês para ler compêndios e compêndios das mais diversas áreas do conhecimento. Foi assim que o ensino de francês, que, até então, era apenas aconselhado, tornou-se, de certa forma, uma necessidade para aqueles que queriam seguir carreira militar.

De acordo com Nogueira (2014, p. 150), o ensino militar no Brasil tem origem no final do século XVII. Segundo este autor, “o ensino militar no Brasil Colônia era precário e as aulas eram ministradas de forma avulsas e descentralizadas”. Por isso, por meio de uma Carta Régia de 15 de janeiro de 1699, Dom Pedro II (de Portugal) autoriza a criação do primeiro núcleo de formação de ensino militar no Brasil: o Curso Prático de Fortificação, que foi instalado na cidade do Rio de Janeiro. Segundo Luchetti (2006, p. 64), essas aulas de fortificação visavam à “preparação de um pequeno número de portugueses, ou de seus descendentes, para dirigir a construção de fortificações na costa litorânea de modo que estas facilitassem a ação defensiva portuguesa contra as investidas de ataques estrangeiros” (Luchetti, 2006, p. 64).

Embora a Carta Régia fosse de 1699, até o final de 1700 não havia chegado de Portugal a mínima infraestrutura para a execução desse projeto, tais como livros ou os instrumentos necessários. Por isso, durante algumas décadas não houve possibilidade de se estabelecerem efetivamente condições para o ensino militar na colônia. Foi em 19 de agosto de 1738, por meio de uma Carta Régia assinada por Dom João V que o ensino militar foi formalizado, com duração mínima de cinco anos (Cordeiro *et al.*, 2008, p. 70).

Ainda no que diz respeito à formação de militares no início do século XVIII, Oliveira e Oliveira (2014) afirmam que

(...) foi feita uma primeira tentativa de criação de uma Aula de Fortificações no Brasil (...), mas que, em 1710, ainda não havia sido iniciada, pois tinha como principal obstáculo para sua realização a falta de livros escritos em língua portuguesa, sendo a maioria deles escritos em idiomas estrangeiros, especialmente [o] francês. Em 19 de agosto de 1738, uma Ordem Régia tornou a instrução militar obrigatória a todos os Oficiais, os quais não poderiam mais ser nomeados ou promovidos sem que tivessem aprovação na Aula de Artilharia e Fortificações. Houve, então, a necessidade do ensino da Língua Francesa na instrução militar da Colônia. (...) A Língua Francesa, nesse período, [teve] uma finalidade eminentemente instrumental, uma vez que seu estudo se [justificava] como instrumento de acesso a um conhecimento tido então como “científico”, e que era professado, às vezes, por lentes estrangeiras e quase sempre por Compêndios escritos em Língua Francesa, nas Academias Militares (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2014).

Além do grande apreço pela França, surgia também uma necessidade – quase uma obrigação – de se aprender a língua falada naquele país. Dessa forma, sobretudo para os militares de Artilharia e Fortificações, conhecer aquele idioma era condição *sine qua non* para poder ter acesso ao moderno conhecimento científico que se produzia àquela época.

Ora, se por um lado, a França não conseguiu estabelecer colônias no vasto território que hoje forma o Brasil, por outro, por meio do que hoje chamaríamos, no vocabulário militar, de *soft power*⁵, fez-se presente na formação do nosso país. Em outras palavras, nascia ali o maior legado francês na formação do Brasil: sua influência cultural.

Nos anos que se seguiram, o Iluminismo, corrente filosófica nascida na França e que defendia o uso da razão para entender e solucionar os problemas da sociedade, incendiou a Europa. Entre 1750 e 1777, com Sebastião José de Carvalho, o Marquês de Pombal, Portugal e seus domínios viveram a corporificação dos pensamentos iluministas.

II. O Século das Luzes e a Conjuração Mineira

Os filhos das famílias mais abastadas de Minas Gerais estudavam na Europa, sobretudo em Portugal, e tinham contato com o pensamento iluminista e com tudo o que estava acontecendo no Velho Mundo. De volta ao Brasil, depois de terem tido contato com os “abomináveis princípios franceses”, traziam na bagagem livros (escondidos, obviamente!) e novas ideias. De acordo com Fonseca (2009),

⁵ No contexto das relações internacionais e no meio militar, a expressão *soft power* é empregada para descrever as habilidades de corpo político para influenciar indiretamente o comportamento e os interesses de outro(s) corpo(s) político(s) por meios culturais ou ideológicos. No caso que analisamos, o corpo político que influenciou o outro seria o Estado francês.

[esses livros] chegavam principalmente na bagagem dos estudantes que o Brasil começou a mandar à Universidade de Coimbra a partir da década de 1730. Vinham também através de funcionários régios portugueses e membros da administração portuguesa. Ao chegar ao Brasil, passavam a compor as seletas e exclusivas bibliotecas coloniais, ainda hoje estudadas e analisadas. Serviam as obras de embasamento de grupos que buscavam uma maior flexibilização das relações coloniais: maiores liberdades de pensamento, econômica e, em menor escala, política. Essa influência dos “abomináveis princípios franceses”, conforme as chamavam os representantes do absolutismo monárquico, foi por muito tempo considerada a principal motivação das inconfidências do fim do século XVIII (Fonseca, 2009).

Na esteira dessas inconfidências, ou melhor, conjurações, e diante das insatisfações com a Coroa portuguesa e de tudo o que haviam visto ou ouvido na Europa, principalmente sobre o que estava acontecendo na França,

membros das oligarquias de Minas se juntaram para discutir um possível rompimento com a Coroa e o estabelecimento de um território livre. O grupo era composto por grandes proprietários de terras que atuavam na mineração e na agropecuária, senhores de engenhos, donos de teares clandestinos, contrabandistas de diamantes, advogados, padres, médicos, burocratas da administração colonial, homens de negócios e oficiais militares, entre outros (Figueiredo, 2018, p. 143).

Embora tenha sido um projeto sem sucesso, a conjuração de 1789 em Minas Gerais trazia em si muita influência da Revolução Francesa. Ainda de acordo com Fonseca (2009),

ainda que não se relacionem diretamente ao processo de independência do Brasil – como se convencionou pensar a partir da reconstrução da história brasileira promovida pela proclamação da república em 1889 – os princípios do Iluminismo criaram uma cisão irreparável nas relações políticas, opondo ideias liberais e conservadoras que seriam, essas sim, os principais fomentadores da separação de Brasil e Portugal.

Os anos que se seguiram e os eventos ocorridos tanto no Velho como no Novo Mundo são a prova desse distanciamento e dessa cisão entre a Metrópole e a Colônia.

III. 1808: a vinda da Família Real portuguesa para o Brasil

Fugindo de Napoleão Bonaparte e com o objetivo de proteger a Coroa portuguesa, Dom João, monarca português, acompanhado de sua corte, deixou Lisboa e transferiu a sede do poder para o Rio de Janeiro. Nascia, assim, um império luso-brasileiro nos trópicos.

Enquanto Napoleão lutava contra o Antigo Regime e transformava definitivamente a face da Europa, o Brasil passava por mudanças que marcariam para sempre sua história. Entre elas estão, segundo Vainfas *et al.* (2010, vol. 2, p. 95), a abertura dos portos às Nações Amigas; a suspensão da

proibição de manufaturas; a fundação do Banco do Brasil; a criação do Jardim Botânico; a organização da Academia Real Militar⁶, da Escola de Belas Artes e da Biblioteca Real; a instalação do primeiro estabelecimento de ensino superior no país: a Escola de Cirurgia da Bahia, em Salvador; a liberação da tipografia, com a conseqüente criação e edição de jornais em solo brasileiro.

Apenas em 1815, com a derrota de Napoleão em Waterloo, D. João restabeleceu relações diplomáticas com a França e com os países até então ocupados pelos exércitos napoleônicos. Além disso, o Brasil recebeu, do ponto de vista cultural, a Missão Artística Francesa. Em 1816, um grupo de artistas franceses foi convidado a divulgar sua cultura em nosso país, a qual era considerada, naquela época, um ideal de civilização.

Essa missão, sob a organização de Joachim Lebreton, era composta por artistas plásticos, como os pintores Jean-Baptiste Debret e Nicolas Antoine Taunay, os escultores Auguste Marie Taunay e Zéphirin Ferrez, e o arquiteto Grandjean de Montigny, que projetou a Praça do Comércio, a atual Casa França-Brasil.



Imagem 1: Busto de Grandjean de Montigny na Casa França-Brasil, s/d.
Fonte: fotografias de acervo pessoal.

Todas essas mudanças deram origem a uma nova organização social, cultural, econômica e, por que não, militar em nosso país. O Brasil já não mais se via como colônia, o que o levou à sua

⁶ Na Academia Real Militar, criada em 1810, não existiam manuais de ciências militares em português. Era preciso conseguir ler os livros publicados, em sua maioria, em francês, sobretudo entre os futuros Oficiais de Artilharia e Engenharia (Guimarães; Souza, 2019). Durante muito tempo, o francês foi ensinado tanto na Academia Real Militar – que, depois da Independência do Brasil, passou a se chamar Academia Imperial Militar – quanto nos Colégios Militares.

emancipação política em 7 de setembro de 1822, quando o príncipe regente, D. Pedro, proclamou a Independência às margens do riacho Ipiranga.

IV. 1822 – 1889: da Independência à Proclamação da República

Às margens plácidas do riacho do Ipiranga, D. Pedro teria, então, entoado o brado retumbante da nossa Independência, e, três meses depois, em 1º de dezembro de 1822, foi coroado imperador do Brasil.

Um francês que marcou história naquela época foi Jean-Baptiste Debret, um dos artistas que compunham a Missão Artística de 1816. Foi Debret quem desenhou a bandeira do Império. O verde e o amarelo daquela bandeira atravessaram gerações e nos fazem ser reconhecidos em qualquer lugar do mundo!

Alguns anos mais tarde, nosso segundo e último imperador, D. Pedro II, estabeleceria uma relação sem-par com a França. Guy Gauthier (2019)⁷, historiador francês, considera Dom Pedro II o pai da amizade franco-brasileira. De fato, Pedro II cultivava uma grande admiração por aquele país, tendo se tornado amigo de grandes vultos do século XIX, como Louis Pasteur e Victor Hugo.

Além disso, não se pode deixar de dizer que a sociedade francesa do século XIX tornara-se um exemplo civilizatório para as famílias mais ricas da sociedade brasileira. Nesse sentido, a língua francesa ocupava um lugar de destaque nos currículos escolares: tendo sido, por muitas décadas, a principal língua estrangeira estudada tanto nas escolas públicas quanto na rede privada.

Não só o idioma e os costumes da França marcaram o Brasil. Muitos literatos franceses também se tornaram célebres por aqui, tais como Stendhal, Jules Verne, Balzac e o anteriormente mencionado Victor Hugo, autor de “Os Miseráveis”.

Ainda do ponto de vista cultural, outro francês que, na segunda metade do século XIX, deixou sua marca no Brasil foi Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais conhecido sob o pseudônimo de Allan Kardec (1804-1869), criador da doutrina espírita. Nesse sentido, pode-se afirmar que,

como resultado das publicações de obras de suposta autoria dos Espíritos e sob a liderança de Allan Kardec, o movimento espírita se expandiu e se intensificou na França, chegando a outros países, principalmente ao Brasil. Os primeiros adeptos da nova doutrina / religião no Brasil foram os membros da colônia francesa do Rio de Janeiro, difundindo-se, em seguida, pelos mais diversos setores da elite do país. No Brasil, atualmente, o Espiritismo tem um número considerável de seguidores. De acordo com o Censo de 2010, (...) realizado pelo

⁷ Entrevista dada ao documentário “Pedro II: dernier empereur du Brésil”, quarto episódio da décima terceira temporada da emissão “Secrets d’Histoire”, que foi ao ar em 8 de agosto de 2019 no canal France 3.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, [há] cerca de 3,8 milhões de espíritas [no país]. Ou seja, cerca de 2% da população brasileira (Eugênio, 2017, p. 15-17).

Quem também deixou seu legado no Brasil, mas fora do centro político nacional, a então capital do Império, o Rio de Janeiro, foi o francês Claude-Henri Gorceix, fundador da Escola de Minas de Ouro Preto. De acordo com Carvalho (2009), a criação dessa escola foi uma iniciativa de D. Pedro II, que,

de volta da viagem ao exterior feita em 1871/72, quando encontrou Pasteur e foi eleito membro do Institut de France, convidou o colega dessa instituição e diretor da École des Mines de Paris, Auguste Daubrée, a visitar o Brasil para estabelecer nele os estudos mineralógicos. O diretor não quis afastar-se do posto recém-ocupado e indicou o jovem Claude Henri Gorceix para a tarefa (Carvalho, 2009).

Também não se pode deixar de mencionar a repercussão da criação da Aliança Francesa. Fundada em 1883, em Paris, por personalidades mundialmente conhecidas, como Louis Pasteur e Jules Verne, seu objetivo era promover a língua e a cultura francesas ao redor do mundo. O que muitos desconhecem é o fato de que a segunda Aliança Francesa do mundo, criada em 1885, foi a do Rio de Janeiro, tamanho era o prestígio da França em nosso país.

Se, do ponto de vista acadêmico, cultural e dos costumes, o Brasil do Segundo Reinado viveu uma verdadeira efervescência; do ponto de vista militar, pode-se afirmar que o Brasil viveu um relativo período de paz até 1864, quando eclodiu o conflito com o Paraguai (Guerra da Tríplice Aliança, 1864-1870).

Nessa guerra, ganhou visibilidade um militar de origem francesa, o Marechal Émile Louis Mallet. Em virtude dos seus feitos, principalmente na Batalha de Tuiuti, Mallet foi reconhecido oficialmente como o Patrono da Artilharia Brasileira.

Depois dessa guerra, o Império viu-se diante de um declínio irreversível. As insatisfações por parte dos cafeicultores paulistas, o crescimento do movimento abolicionista e do movimento republicano e os desentendimentos tanto com a Igreja Católica quanto com os militares do Exército levaram-no a seu fim com a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889.

Por trás do movimento republicano, havia a presença de uma doutrina filosófica francesa que defendia que a ciência e a razão eram as únicas formas possíveis de se apreender a realidade e de orientar a sociedade: o Positivismo. Criadas por Auguste Comte, as ideias positivistas tiveram muitos adeptos no Brasil no final do século XIX, principalmente entre os militares do Exército. Dentre eles, destaca-se Benjamin Constant, professor da antiga Escola Militar. No que diz respeito ao Positivismo, Joseph Chailley (1917, p. 263), político francês, afirma que,

durante o século XIX, (...) Paris tornou-se, para a juventude latino-americana, o centro para o qual convergiam todas as suas esperanças. Os brasileiros mais letrados estudaram, de 1830 a 1870, nas escolas de nossos pensadores e de nossos sábios. Auguste Comte, mais especificamente, tornou-se o inspirador incontestado da filosofia e das concepções sociais e políticas brasileiras. Hoje, é o lema do país: “Ordem e Progresso” (...).⁸

Dois anos após a Proclamação da República, faleceria D. Pedro II, exilado em Paris. Seu prestígio entre os intelectuais e nobres da Europa era tão grande que seu cortejo foi seguido por mais de trezentas mil pessoas, dentre as quais reis, rainhas, nobres, filósofos, cientistas, políticos e escritores do mundo inteiro. Segundo Gauthier (2019), seu velório, na Igreja de la Madeleine, foi digno de um imperador francês.

V. 1889 – 1945: da Proclamação da República à Segunda Guerra Mundial

O ano de 1889 marcou, para a França, o centenário da Revolução Francesa. Enquanto lá se inaugurava a Torre Eiffel para celebrar os cem anos da Revolução; no Brasil, dava-se o primeiro passo em direção ao regime republicano.

E, como todo novo regime, a recém-nascida República brasileira buscava símbolos para se legitimar perante a sociedade, apresentando, sobremaneira, suas vantagens em relação à Monarquia. De inspiração francesa, um dos que se tentou introduzir no Brasil foi a imagem da mulher como símbolo republicano. Segundo Eugênio e Oliveira (2022, p. 170),

a República Francesa é representada por uma figura feminina, a Marianne, figura simbólica que ocupa lugar de destaque nas prefeituras, escolas e estabelecimentos públicos franceses. Sua imagem de perfil é estampada em todos os documentos oficiais, nos selos dos correios e até mesmo nas moedas de euro cunhadas na França.

No Brasil, houve uma tentativa de se adotar/impôr/naturalizar esse símbolo de variadas formas, o que se podia ver, por exemplo, nas moedas de real (antiga moeda brasileira) cunhadas no início do século XX:

⁸ Tradução livre para : “(...) durant tout le XIX^e siècle, (...) Paris devint pour la jeunesse latine américaine le centre vers lequel convergeaient tous les espoirs. Les meilleurs d’entre les Brésiliens se mirent, de 1830 à 1870, à l’école de nos penseurs et de nos savants. Auguste Comte notamment devint l’inspirateur indiscuté de leur philosophie et de leurs conceptions sociales et politiques. Aujourd’hui c’est sa devise : « Ordre et progrès » (...)” (Chailley, 1917, p. 263).



Imagem 2 – Efigie da República cunhada em uma das faces das moedas brasileiras (1906).
Seção numismática do Palácio Conde dos Arcos da Cidade de Goiás.
Fonte: fotografia de acervo pessoal.

Outro exemplo é uma das principais obras de arte do atual Museu da República⁹, no bairro do Catete, no Rio de Janeiro:



Imagem 3 – Busto da República, de Loiseau-Rousseau (s/d).
Fonte: fotografia de acervo pessoal.

⁹ O prédio do Museu da República foi a sede do Governo Federal de 1886 a 1960.

Esculpido por Paul-Louis Loiseau-Rousseau (1861-1927), este busto de mármore e cobre é uma alegoria designada oficialmente “Marianne, símbolo da República”. Assim como a Marianne francesa, a nossa também usa o barrete frígio (*bonnet phrygien*, em francês), mas o da nossa é decorado por ramos de café e de fumo – símbolos que também eram usados pela Monarquia, mas, literalmente, com uma cara nova!

Segundo Richard (2014, p. 45), foi diante desse busto que, em 1917, Venceslau Brás Pereira Gomes, presidente do Brasil, declarou guerra ao Império Alemão.

Toda esta “imagética revolucionária francesa”, expressão cunhada por Pinto Júnior (2010), perdurou nas primeiras décadas da República Brasileira, fato reconhecido até internacionalmente, o que pode ser visto na capa de um número especial do *Journal de l’Université des Annales*¹⁰, publicado em Paris, cujo tema era “As Américas e a França”, de 15 agosto de 1917, com destaque para o supracitado busto da República esculpido por Loiseau-Rousseau.

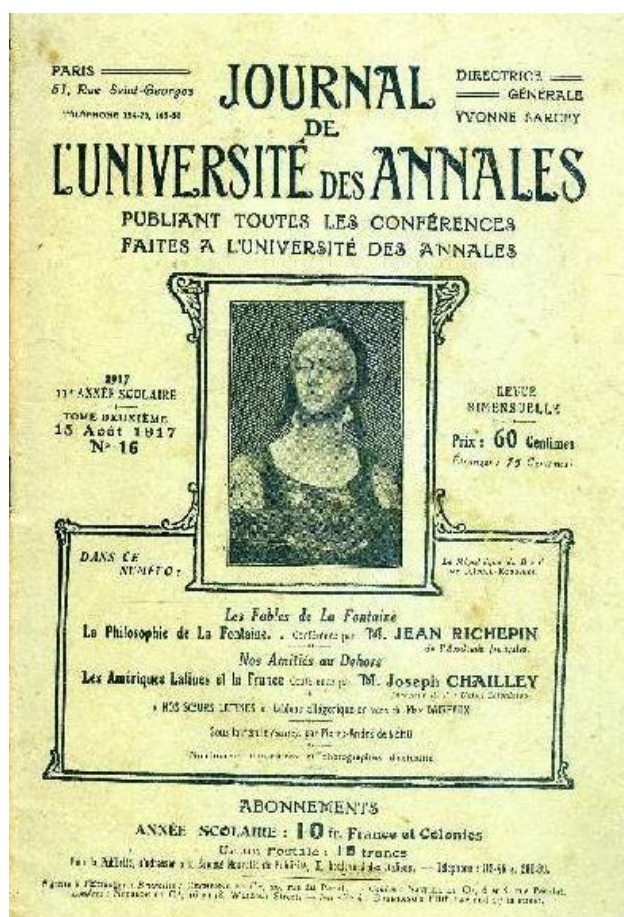


Imagem 4 – Capa do *Journal de l’Université des Annales*, de 15 agosto de 1917.
Fonte: acervo pessoal.

¹⁰ Agradecemos à Universidade de Gante (Universiteit Gent), da Bélgica, e à sua rede de bibliotecas, a Boekentoren Library, pela cessão de parte do exemplar do *Journal de l’Université des Annales* de 15 de agosto de 1917 para que pudéssemos expandir os horizontes deste artigo.

No entanto, segundo Carvalho (1990), o esforço para se criar uma Marianne dos trópicos foi uma tentativa fracassada, pois que se tratava de um símbolo importado, sem referências históricas e que, por isso, não foi reconhecido pela população brasileira.

Outro ponto de contato com a França, mas, desta vez, com êxito, são duas missões militares de instrução com o objetivo de aprimorar os conhecimentos de militares brasileiros. A primeira foi a Missão Militar Francesa na Força Pública do Estado de São Paulo, que durou de 1906 a 1914 (Linhares, 2019). O sucesso dessa missão teria motivado o Governo Federal a contratar uma segunda missão francesa com o objetivo de profissionalizar o Exército Brasileiro. Tratava-se da Missão Militar Francesa de Instrução junto ao Exército¹¹, assinada por Delfim Moreira da Costa Ribeiro, presidente interino do Brasil, conforme o Decreto nº 3.741, de 28 de maio de 1919¹².

Depois do aval do Presidente da República, o contrato para essa missão seria assinado em 8 de setembro daquele mesmo ano. A escolha pela França deu-se porque, além de ela ter sido uma das nações vitoriosas na Primeira Guerra Mundial,

a França dotava de prestígio, experiência e conhecimento militar de ponta. A Missão aprimorou a Doutrina de Emprego da Força Terrestre, otimizando o trabalho de Comando, a organização administrativa e implementando ações mais eficazes ao preparo físico, uniformes, treinamento e emprego do armamento. Sua atuação se evidenciou mais fortemente na Escola de Estado-Maior (EEM), na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), na Escola de Aviação Militar e nos cursos de Oficiais Intendentes, Saúde, Equitação, Educação Física e Veterinária¹³.

De acordo com Malan (2018 [1988], p. 124), essa Missão Militar de Instrução, que durou de 1919 a 1940, reorganizou e modernizou toda a estrutura do Exército Brasileiro, uma vez que se encarregou de reorientar sua doutrina, elaborar novos regulamentos e aperfeiçoar todo o ensino e a instrução militar.

¹¹ “Oficiais do Exército Brasileiro começaram a partir para a França com o intuito de estagiarem em tropas do Exército francês ou até mesmo na Escola Superior de Guerra da França. [Além disso, em 1918], o nosso Exército comprou [da França] nossos primeiros aviões militares. [Alguns anos mais tarde], uma das cláusulas da Missão Militar Francesa junto ao Exército [diria] que o governo brasileiro [desse] preferência à indústria francesa no setor bélico” (Eugênio; Oliveira, 2022, p. 176).

¹² Fonte: Portal LexML, do Senado Federal. Disponível em: <https://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:federal:decreto:1919-05-28;3741>. Acesso em 18 maio 2024.

¹³ Fonte: Departamento-Geral do Pessoal, Exército Brasileiro. Disponível em: <http://www.dgp.eb.mil.br/index.php/ultimas-noticias/1880-8-de-setembro-contrato-da-missao-militar-francesa>. Publicado em 6 set. 2023. Acesso em 18 maio 2024.



Imagem 5 – Chegada da Missão Militar Francesa ao Brasil: impulso à reforma do Exército. À esquerda, primeiro plano, o General Maurice Gamelin. Ao seu lado, o General Durandin.
Fonte: Malan, 2018 [1988], p. 145.

Outro vestígio francês que também foi bem-sucedido em nosso país está no campo acadêmico. É importante destacar o papel de renomados intelectuais franceses na criação da Universidade de São Paulo (USP). Quando a USP foi fundada, em 1934, o modelo de universidade nos moldes europeus ainda não existia no Brasil. Então, muitos docentes franceses vieram ministrar aulas na universidade que ora nascia, entre eles estavam o antropólogo Claude Lévi-Strauss, o sociólogo Roger Bastide e o historiador Fernand Braudel (EUGÊNIO; OLIVEIRA, 2022, p. 178).

De acordo com o *QS World University Ranking*, uma classificação anual publicada pela Quacquarelli Symonds, do Reino Unido, a USP foi classificada entre as cem melhores universidades do mundo no ano de 2024.

Apesar da notoriedade e do esplendor do passado, o grande prestígio que a França teve no Brasil até então começou a diminuir quando terminou a Segunda Grande Guerra, período em que os Estados Unidos e seu *American way of life* se lançaram no mundo.

VI. Da Segunda Guerra Mundial aos dias atuais

No pós-guerra, a França viu-se muito fragilizada: sua economia estava abalada; suas finanças, exauridas; e sua população, empobrecida. Por outro lado, os Estados Unidos configuravam-se como o país mais rico e mais poderoso do planeta, a tal ponto que até mesmo o seu idioma, o inglês, se tornaria uma língua franca mundial. Dessa forma, na grade curricular das escolas brasileiras, como era de se prever, o francês perdeu espaço para o inglês.

Todavia, embora seja grande a influência dos Estados Unidos em nossa cultura e na nossa economia, muitas empresas francesas ainda estão presentes em nosso país, o que faz da França o terceiro maior investidor estrangeiro e o maior empregador estrangeiro do Brasil (Poulingue, 2023). Empresas como o grupo Carrefour, a Leroy Merlin, a Renault, a Peugeot, a Citroën, a Michelin, a Bic, a Accor, a L'Oréal, entre outras, empregam quase 500 mil pessoas e geram um volume de negócios de mais de 66 bilhões de euros, o que demonstra o quanto a França ainda é um país relevante para nós. Isso tudo sem mencionar a ótima reputação dos cosméticos e da gastronomia franceses em nosso país.

Apesar de ter perdido espaço para o inglês e para o *estilo de vida americano*, o francês ainda é uma língua procurada pelos brasileiros. De acordo com os dados da Fundação Aliança Francesa, o Brasil é o sexto país com o maior número de inscritos em seus estabelecimentos, com cerca de 25 mil alunos¹⁴. Além da Aliança Francesa, o francês também pode ser aprendido em muitas escolas de idiomas e centros de extensão das faculdades de Letras espalhados pelo país. Além disso, há escolas e liceus franceses em cidades como Brasília, Curitiba, Natal, Rio de Janeiro e São Paulo.

Além disso, também é grande o prestígio que algumas instituições de ensino superior têm entre nossos estudantes, como a Sorbonne, a École des Ponts, a École Nationale d'Administration ou ainda a École Polytechnique. E, ainda em relação ao ensino superior, destaca-se, no Brasil, a SKEMA Business School, uma escola internacional de negócios com origem na França e que tem um campus em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Do ponto de vista militar, é grande o número de aeronaves de origem francesa, principalmente de helicópteros, nas nossas três Forças: a Marinha, o Exército e a Força Aérea. Além das aeronaves, ainda se destaca o Plano de Ação da Parceria Estratégica bilateral, assinado em 2008, junto à Marinha, com o objetivo de se criarem, no Brasil, quatro submarinos convencionais e um nuclear dentro dos próximos vinte anos, assunto que será abordado adiante.

Em 2005, em uma iniciativa dos governos do Brasil e da França e com o objetivo de aprofundar as relações culturais, acadêmicas e econômicas entre os dois países, foi celebrado o Ano do Brasil na França. No dia 14 de julho de 2005, durante a celebração da Festa Nacional Francesa, cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras, a banda de Fuzileiros Navais e a Esquadrilha da Fumaça participaram do desfile militar na Avenida des Champs-Élysées diante dos presidentes da França e do Brasil.

¹⁴ Disponível em: <https://www.fondation-alliancefr.org/wp-content/medias/DATA2018/HautPage-Affiche-2018.pdf>. Acesso em 18 jul. 2023.



Imagem 6 – banda de Fuzileiros Navais e cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras no desfile militar de 14 de julho na França, 2005.
Fonte: VSD (magazine)¹⁵.

Em 2009, foi a vez de o Brasil retribuir as homenagens. De 21 de abril a 15 de novembro daquele ano, o público brasileiro pôde acompanhar diversas manifestações artísticas francesas e conhecer um pouco mais sobre a França.

Dentro desse contexto, cabe destacar a criação do Festival Varilux de Cinema Francês criado pela Unifrance – organização sem fins lucrativos cujo objetivo é para divulgar os filmes franceses no exterior – com o apoio da Embaixada da França no Brasil e da Delegação das Alianças Francesas. Desde sua fundação, o festival ocorre anualmente em diversas salas de cinema do Brasil.

Em junho de 2025, o presidente Lula esteve em Paris para uma visita de Estado, ocasião em que foi recebido por seu homólogo, Emmanuel Macron. O presidente brasileiro também encontrou empresários que prometeram investir cerca de 16 bilhões de euros (100 bilhões de reais) no Brasil nos próximos anos. Durante esta visita, a Torre Eiffel foi iluminada com as cores da bandeira brasileira.

¹⁵ VSD é uma revista francesa de atualidades. Disponível em: <https://vsd.fr/2449-le-14-juillet-fete-inter-nationale/>. Publicado em 10 jul. 2015 . Acesso em 15 maio 2024.

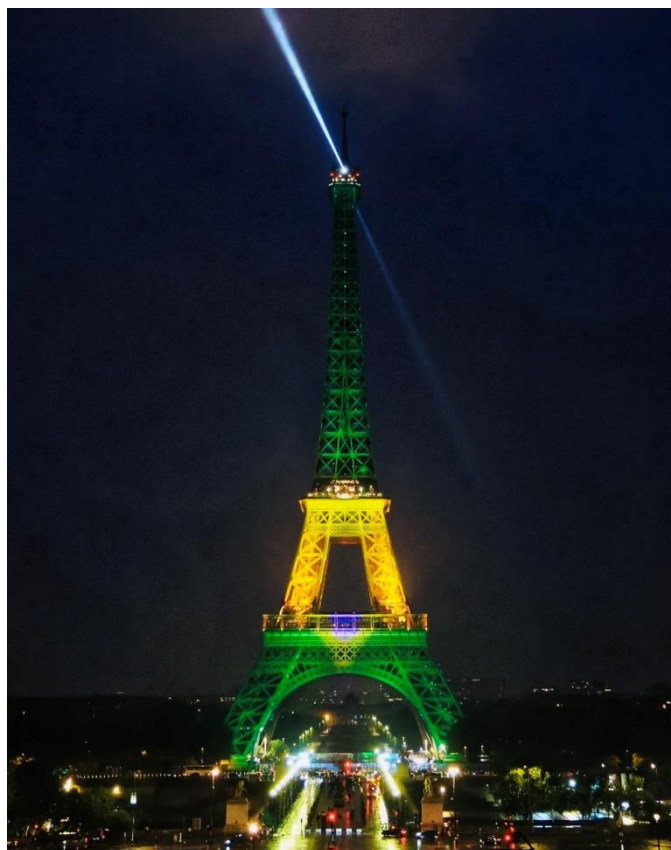


Imagem 7 – Torre Eiffel iluminada de verde, amarelo e azul.
Fonte: Agência Gov – EBC.

No que diz respeito à parceria militar firmada entre o Brasil e a França, surgiu, em 2008, o Programa de Desenvolvimento de Submarinos. Em 27 de março de 2024, o presidente da França, Emmanuel Macron, e seu homólogo brasileiro, o presidente Lula da Silva, estiveram na base naval de Itaguaí, no Rio de Janeiro, para o lançamento do submarino Tonelero ao mar.



Imagem 8 – Submarino Tonelero antes de ser lançado ao mar.
Fonte: Agência Marinha de Notícias.

Segundo a Marinha do Brasil, o Tonelero é “o terceiro submarino convencional com Propulsão diesel-elétrica construído totalmente no Brasil”¹⁶.

Já no que diz respeito à língua francesa, tem-se destacado, nos últimos anos, a necessidade de conhecer o idioma para atuar em Missões de Paz em países francófonos, tais como a Costa do Marfim (MINUCI, entre 2003 e 2004), o Haiti (MINUSTAH, de 2004 a 2017) e a República Democrática do Congo (MONUSCO, de 2010 aos dias atuais).

Essa ligação das nossas Forças Armadas com a língua francesa é tão grande que o Ministério da Defesa desenvolveu centros específicos para que este idioma fosse ensinado aos nossos militares, dentre os quais se destaca o Centro de Idiomas do Exército (CIdEx).

Atualmente, além do CIdEx, também se desenvolvem atividades de língua francesa no Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB), criado em 2010¹⁷.

VII. O ensino de Francês para militares do Exército

Se, no Brasil Colônia, durante as aulas de Fortificação e Artilharia, bastava saber ler em francês, o século XXI exige muito mais que isso. A forma como as línguas estrangeiras são ensinadas atualmente vão muito além de apenas instrumentalizar um militar para que ele consiga ler obras em outro idioma.

No Exército, as línguas estrangeiras são ensinadas em estágios preparatórios intensivos, os quais são capazes de desenvolver, em um curto espaço de tempo, as mais diferentes habilidades linguísticas: compreensão auditiva, expressão oral, compreensão leitora e expressão escrita, e que têm o objetivo de preparar nossos militares para atuarem nas mais diversas missões no exterior.

Essa forma de ensinar remonta ao ano de 1956, no contexto da crise de Suez, quando militares brasileiros foram enviados com o objetivo de intermediar o conflito árabe-israelense (Souza Júnior, 2015). Neste contexto, surge a figura de um veterano da Segunda Guerra Mundial, o então tenente Afrânio de Viçoso Jardim, gravemente ferido em combate em 4 de janeiro de 1945, vítima de uma granada da artilharia nazista¹⁸.

¹⁶ Fonte: Agência Marinha de Notícias. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/agenciadenoticias/marinha-lanca-submarino-ao-mar-na-proxima-semana-em-itagua-i-rj>. Publicado em 20 mar. 2024. Acesso em 27 abr. 2024.

¹⁷ A Marinha do Brasil criou, em 2018, o Centro de Ensino Virtual e de Idiomas, subordinado à Diretoria de Ensino da Marinha, onde se oferecem estágios intensivos de espanhol, francês e inglês. A Força Aérea Brasileira, por sua vez, por meio da Pró-Reitoria de Ensino Especializado e Idiomas, oferece cursos de espanhol e de inglês, ambos na modalidade a distância.

¹⁸ Em consequência de seus ferimentos, Afrânio de Viçoso Jardim foi considerado incapaz para o serviço na linha combatente do Exército, mas apto para o exercício do magistério e de funções burocráticas.

Aquele que mais tarde viria a se tornar o General de Divisão Afrânio de Viçoso Jardim tornou-se, em 1954, professor de inglês do Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ), depois de um longo período em tratamento nos Estados Unidos.

Em 1956, diante das necessidades do Exército em preparar seus militares para missões no exterior, o então Major Jardim foi nomeado diretor do Curso de Orientação e Línguas (COL). Em 1958, já promovido ao posto de Tenente-Coronel, foi designado como professor de inglês para o Batalhão de Suez da Força de Emergência das Nações Unidas (UNEF).

De volta ao Brasil, e já promovido ao posto de Coronel, foi nomeado, em 1961, diretor do recém-criado Centro de Ensino de Línguas Estrangeiras (CELE). Os estágios de idiomas estrangeiros ocorreram, de 1956 a 1966, no Ministério da Guerra (atual Palácio Duque de Caxias), no centro do Rio de Janeiro.

Prova do trabalho e da contribuição do General Jardim para com o sistema de ensino no Exército foi a publicação, em 1962, de um manual de “Fonética inglesa para estudantes brasileiros”, trabalho desenvolvido a partir de suas próprias observações enquanto professor tanto no CMRJ quanto no laboratório de idiomas do CELE.

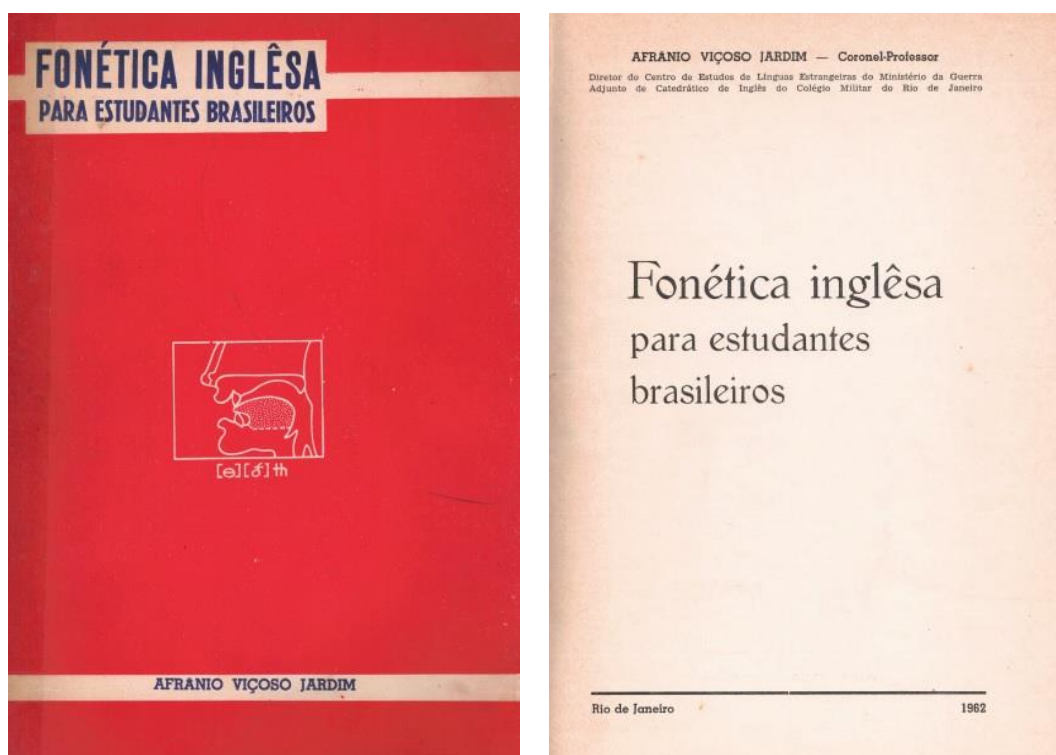


Imagem 9 – Manual de fonética do inglês escrito pelo General Jardim
Fonte: Acervo do Espaço Cultural General Jardim – CIdEx

Em 1966, os estágios de idiomas foram transferidos para o Centro de Estudos de Pessoal (CEP), no Forte do Leme, também na cidade do Rio de Janeiro, Organização Militar que abrigou o ensino de idiomas de 1966 a 2015.



Imagem 10 – Exemplo de certificado de conclusão de estágio expedido em 1962.
Fonte: Coleção do Centro Cultural General Jardim – CIdEx.

Em setembro de 2015, reconhecendo a importância das línguas estrangeiras para seus militares, o Comando do Exército decidiu criar uma organização militar exclusivamente para esse fim. Nascia, assim, o Centro de Idiomas do Exército¹⁹.

VIII. O Centro de Idiomas do Exército²⁰ (CIdEx)

Em funcionamento desde 2016, o CIdEx tem as tarefas de ensinar idiomas estrangeiros em estágios intensivos e de aplicar exames de proficiência linguística com o objetivo de aumentar o universo de militares concorrentes às mais variadas missões no exterior.

Seis idiomas estrangeiros (alemão, espanhol, francês, inglês, italiano e russo) e português como língua estrangeira dão vida a esta Organização Militar. Seu corpo docente é composto por militares professores, tanto do Quadro Complementar de Oficiais quanto Oficiais Técnico-Temporários, licenciados em Letras e com especialidade nos idiomas supracitados.

¹⁹ O Centro de Idiomas do Exército foi criado no final de 2015, conforme Portaria nº 1.349, de 23 de setembro de 2015, do Comando do Exército (Boletim do Exército nº 39, Brasília, 2015).

²⁰ Desde junho de 2021, o CIdEx carrega a denominação histórica “Centro General Jardim” em homenagem àquele que tanto se dedicou ao ensino de idiomas no Exército. Em consequência disso, em dezembro de 2021, retificou-se a data de criação do Centro para 22 de março de 1961, dia da criação do CELE. O Centro de Idiomas passou a chamar-se, então, Centro de Idiomas do Exército (Centro de Estudos de Língua Estrangeira / 1961), “Centro General Jardim”.



Imagem 11 – Prédio em que funciona o Centro de Idiomas do Exército.
Fonte: fotografia de acervo pessoal.

Para ilustrar a importância da criação deste centro de idiomas ímpar no Brasil, precisa-se levar em consideração as diferentes demandas do Exército tanto no teatro de operações quanto nas mais diversas atividades em que é empregado.

Por exemplo, se uma tropa precisa se preparar para uma missão de paz da Organização das Nações Unidas (ONU), seus militares precisam ser capazes de estabelecer uma comunicação efetiva tanto com os habitantes locais quanto com militares daquela ou de outras nações. Nesse tipo de missão, só os conhecimentos gerais de um idioma estrangeiro não seriam suficientes. Também é preciso lançar mão de vocabulário militar. É necessário conhecer, por exemplo, termos ligados a armamentos, a carros de combate ou até mesmo a Direito Internacional.

Além disso, é muito importante conhecer a cultura do país: qual a religião predominante, como é a relação entre homens e mulheres, como abordar as pessoas, como interagir com elas, etc.

Em outras palavras, mais do que saber se expressar em diferentes situações da vida cotidiana, como ir ao supermercado, ler um jornal ou assistir a um programa de televisão, o militar designado para uma missão no exterior também precisa saber empregar vocabulário militar em língua(s) estrangeira(s) (Eugênio; Oliveira; Silva, 2022). Em outras palavras, cabe ao CIdEx apresentar aos militares do Exército uma vasta gama de termos e expressões militares, mas também prepará-los culturalmente para diferentes situações do dia a dia.

Dentro desse contexto de preparação linguística e cultural, até o dia 30 de abril de 2024, o universo de militares do Exército habilitados em língua francesa para concorrer a alguma missão no exterior era de 1.854. Já quanto ao ensino de francês, desde a criação do CIdEx, 68 militares, entre

Oficiais-Generais, Oficiais e Praças, passaram pelo Estágio Intensivo, conforme representado no gráfico abaixo:

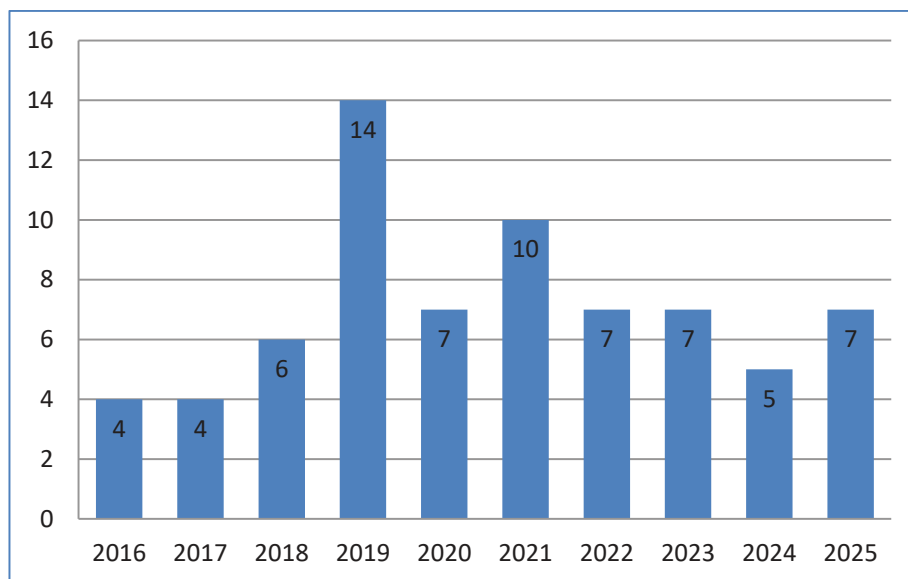


Image 12 – gráfico com o número de estagiários entre 2016 e 2025.

No ano de 2016, o Comando do Exército designou quatro militares para estudarem francês no CIdEx. Em 2017, também quatro. Em 2018, seis. Em 2019, quatorze – o maior quantitativo de militares nos Estágios Intensivos de Francês desde a fundação do Centro. Em 2024, a primeira militar mulher a participar do Estágio Intensivo de Francês²¹. Esses militares desempenharam, desempenham ou desempenharão diferentes funções, como as de adido militar, instrutor, observador ou oficial de ligação, nos países para onde foram ou serão enviados.

Por último, em reconhecimento ao trabalho que vem sendo feito com a língua francesa, tanto no Centro de Idiomas do Exército quanto no Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil, no dia 8 de dezembro de 2022, em uma cerimônia solene no Consulado Geral da França no Rio de Janeiro, os militares professores desse idioma foram condecorados pelo Ministério da Defesa francês. O Cônsul Geral da França no Rio de Janeiro, Gérard Maréchal, e o Adido Militar francês no Brasil, o Capitão de Mar e Guerra François Escarras, condecoraram-nos com a *Médaille de la Défense Nationale* (Medalha da Defesa Nacional, em português) pela divulgação da língua e da cultura francesa junto aos militares do Exército Brasileiro.

²¹ Outras militares brasileiras já estiveram em missões em países francófonos. No entanto, elas já tinham bom conhecimento de francês. Apenas participam dos Estágios do CIdEx aqueles militares que ainda precisam atingir um bom nível de proficiência em algum idioma.



Imagem 13 – Medalha da Defesa Nacional com o passador *Armée de terre*.
Fonte: acervo pessoal.

IX. Considerações finais

Ao longo deste artigo, buscamos mostrar um pouco da presença da França na formação do Brasil e o quão relevante a França e a língua francesa ainda são em nosso país não só do ponto de vista acadêmico, cultural, comercial e diplomático, mas também militar.

Abordamos, assim, vários períodos da história brasileira que tiveram influência direta ou não da França, assim como tratamos da relação das Forças Armadas brasileiras com o idioma francês, sobretudo com a criação, em 2015, do Centro de Idiomas do Exército.

E o que esperar dos próximos anos, décadas, séculos?

Esperamos que as relações franco-brasileiras continuem amistosas e que os dois países possam continuar estabelecendo intercâmbios em todas as áreas. E, no que diz respeito aos demais países francófonos, que as relações do Brasil com eles fomentem muitas parcerias, não só no plano cultural, mas também militar.



Imagem 14 – Bandeiras brasileira e francesa no hall de entrada da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) durante a visita do Coronel Nicolas Guisse (França) em 3 de maio de 2024.
Fonte: arquivo pessoal.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Claude Henri Gorceix e a Escola de Minas de Ouro Preto*. Publicado em 2009. Disponível em: <https://heritage.bnf.fr/france-bresil/pt-br/gorceix-minas-de-ouro-preto-artigo>. Acesso em 17 jul. 2023.

CHAILLEY, Joseph. Nos amitiés au dehors: les Amériques latines et la France. In: *Journal de l'Université des Annales*, 11^e année scolaire, n^o 16. Paris: 1917.

CORDEIRO, João Sérgio; BORGES, Mario Neto; DUTRA, Silvia Costa; VALINOTE, Osvaldo Luiz; PRAVIA, Zacarias M. Chamberlain. Um futuro para a educação em engenharia no Brasil: desafios e oportunidades. In: *Revista de Ensino de Engenharia*, v. 27, n^o 3, p. 69-82. Edição especial 2008 – ISSN 0101-5001.

EUGÊNIO, Lucas de Oliveira. *Análise contrastiva de marcadores discursivos em uma abordagem modular: o MD por isso que*. 2017. 105 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

EUGÊNIO, Lucas de Oliveira; OLIVEIRA, Amanda Silva de; SILVA, Marília Alvares. O espaço da Língua Francesa no Centro de Idiomas do Exército. In: *A Língua Francesa como Língua Estrangeira sob Novos Olhares: uma contribuição da APFPB*. João Pessoa: Associação dos Professores de Francês da Paraíba, 2022.

EUGÊNIO, Lucas de Oliveira; OLIVEIRA, Amanda Silva de. Das relações do Brasil com a França ao longo dos duzentos anos da Independência ao espaço da Língua Francesa no Centro de Idiomas do Exército: marcos históricos. In: *Dimensão Humana do Exército Brasileiro no Bicentenário da Independência do Brasil: percursos criativos*. Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias, Rio de Janeiro: Coleção Humanis, 2022. p. 157-195.

FIGUEIREDO, Lucas. *O Tiradentes: uma biografia de Joaquim José da Silva Xavier*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FONSECA, Paulo Miguel. As ideias de revolução. In: *A França no Brasil*. Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/francebr/apresentacao.htm>. Acesso em 24 abr. 2024.

GAUTHIER, Guy. *Secrets d'histoire : Pedro II, le dernier empereur du Brésil*. Emissão televisiva apresentada por Stéphane Bern (francês, 125 min). Disponível em: www.france.tv/france-2/secrets-d-histoire ou <https://www.youtube.com/watch?v=Pn8vI0dOUo0>. Acesso em 14 ago. 2022.

GUIMARÃES, Anselmo; SOUZA, Josefa Eliana. A língua espanhola e a educação militar no Brasil (1905-1920). In: *Cadernos de História da Educação* – Edição de 2018. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-78062018000300716. Acesso em 18 ago. 2022.

LINHARES, Sandra Helena. A Missão Militar Francesa na Força Pública de São Paulo: inovações institucionais e a capacitação profissional implementada ao efetivo policial-militar. In: *Revista do Exército Brasileiro*. v. 155, nº 2. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2019. p. 52-60. Disponível em: <https://ebrevistas.eb.mil.br/REB/article/view/2822/2263> Acesso em 20 jun. 2024.

LUCHETTI, Maria Salute Rossi. *O ensino no exército brasileiro: histórico, quadro atual e reforma*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2006.

MALAN, Alfredo Souto. *Missão Militar Francesa de Instrução junto ao Exército Brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2018 [1988].

NOGUEIRA, Jefferson Gomes. Educação militar no Brasil: um breve histórico. In: *Revista CAMINE: Caminhos da Educação*, v. 6, nº 1, 2014. ISSN 2175-4217.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo; OLIVEIRA, Kate Constantino. A institucionalização do ensino de francês no Brasil. In: *História do Ensino de Línguas no Brasil*, 2014. Disponível em: <http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-8-no-8-12014/231-a-institucionalizacao-do-ensino-de-frances-no-brasil-1808-1837>. Acesso em 16 ago. 2022.

PINTO JUNIOR, Rafael Alves. *Manoel Lopes Rodrigues e a Alegoria da República (1896): do cotidiano da política à imortalidade do Panteão*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/obras/mlr_rapj.htm. Acesso em 26 fev. 2023.

POULINGUE, Geneviève. Minas Gerais é central no comércio França-Brasil. In: *Diário do Comércio*. Edição de 21 de junho de 2023. Disponível em: <https://diariodocomercio.com.br/opiniao/coluna/minas-gerais-e-central-no-comercio-franca-brasil/#gref>. Acesso em 17 jul. 2023.

RICHARD, Bernard. *Marianne en Amérique: l'emblématique républicaine en Amérique, nord et sud*. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/00365058464e223b2b177>. Acesso em 26 fev. 23.

SOUZA JÚNIOR, Israel Alves de. Tradução e interpretação militar brasileira em missões de paz da ONU: a relevância de um serviço especializado. In: *Military Review: revista profissional do Exército dos EUA – edição brasileira*, 2015. Disponível em: https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military_review/Archives/Portuguese/MilitaryReview_20150630_art010POR.pdf. Acesso em 17 nov. 2021.

VAINFAS, Ronaldo; FARIA, Sheila de Castro; FERREIRA, Jorge; SANTOS, Georgina dos. *História: o longo século XIX*, vol. 2. São Paulo: Saraiva, 2010.